

PROGRAMA EDUCATIVO

SALA DOS
POMARES

experiências em arte contemporânea
e sua contribuição educativa

DES | ESTRUTURAS

MATERIAL PEDAGÓGICO



DES | ESTRUTURAS

Desta vez, a Sala dos Pomares acolhe uma exposição que pretendia inicialmente diálogos entre obras de dois tipos: aquelas que partem de um projeto específico e claro e outras que dão mais lugar à intuição e ao momento do fazer e cuja produção está intimamente relacionada ao próprio processo. No entanto, no decorrer da escolha pela organização da mostra, essa divisão na forma de elaboração de um produto artístico nos pareceu, num segundo momento, demasiado simplista, já que alguns trabalhos, embora rigorosamente projetados e estruturados, também implicam a sua própria desestruturação. Isso prova mais uma vez que arte não é uma coisa simples.

Este conjunto de obras da coleção da FVCB, pertencentes a diversas épocas, dos anos 1950 até a atualidade, reunindo autores tanto brasileiros quanto estrangeiros, reafirma a arte como um fenômeno complexo e digno de ser estudado e analisado.

A mostra contrapõe o gestualismo de Emilio Vedova ao rigor de Joseph Albers e reúne desde pequenas obras sobre papel, como as delicadas gravuras em metal da chinesa Lily Hwa, que valorizam o gesto, ao expressivo conjunto de 134 pinturas sobre papel de Lenir de Miranda sobre o tema de Ulisses. Potentes são os desenhos em 12 partes de Maristela Salvatori, a insólita instalação de Carlos Pasquetti, e os monumentais carretéis de Eduardo Frota. E destacamos a obra emblemática como é o LC3, um dos Bichos de Lygia Clark, editado pela editora de múltiplos Unlimited, de Bath, nos anos 1960, escultura transformável em inúmeras esculturas distintas. Muitas outras obras de grande interesse são oferecidas nesta exposição ao espectador: um leque amplo e aberto à contemplação e à reflexão.

VERA CHAVES BARCELLOS

PROGRAMA EDUCATIVO DES – ESTRUTURAS

MARIA MARGARITA SANTI DE KREMER

Artista Plástica, professora e pesquisadora em Arte, e consultora para projetos culturais e pedagógicos

A Fundação Vera Chaves Barcellos propõe consolidar, na sua comunidade, o amadurecimento de sua vocação educativa e transformadora através da arte. Mantendo a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Viamão, a FVCB promove, durante o ano de 2012, um Programa Educativo voltado à atualização dos professores de artes da rede pública e privada de ensino.

Nosso principal objetivo, com essa iniciativa, é auxiliar os docentes no planejamento das aulas, bem como oferecer subsídios para discutir a arte moderna e, principalmente, a arte contemporânea, tendo como base as obras da FVCB.

Acompanhando o calendário expositivo da Sala dos Pomares, iniciamos as atividades com um material pedagógico elaborado a partir da mostra DES–ESTRUTURAS, pautada no Acervo da FVCB. Esse material é constituído pelos seguintes itens: (1) treze fichas de leitura de obra; (2) glossário com palavras-chave para discutir e pensar os trabalhos em questão; (3) dois jogos, reproduzindo as obras *Quebra-Nuvem*, de Helio

Fervenza, e *Combináveis e Permutáveis*, de Vera Chaves Barcellos. Cada ficha, em particular, traz a reprodução fotográfica de um trabalho artístico, um breve texto sugerindo possíveis interpretações, a formação sucinta do artista e a indicação de palavras-chave que relacionam e ampliam as abordagens da obra.

Tanto as fichas, como os jogos, podem ser adotados em turmas de Educação Infantil e de Ensinos Fundamental e Médio. Além desses materiais didáticos, a Fundação disponibilizará, através de seu site www.fvcb.com, um link com imagens e textos acerca das obras apresentadas na mostra, convidando o professor a elaborar seu próprio roteiro para percorrer DES–ESTRUTURAS, num processo criativo e reflexivo.

Com essa iniciativa, acreditamos cumprir a missão de ampliar as oportunidades de troca e acesso aos bens culturais, numa relação mais estreita entre os ensinos formal e o não formal. A todos os envolvidos neste enriquecedor processo, desejamos ótimos desafios, jogos e brincadeiras, em um prazeroso exercício de aprendizado.

ARTE COMO INSTÂNCIA DE CONHECIMENTO

PAULA RAMOS

Jornalista, crítica de arte, professora-pesquisadora do Instituto de Artes da UFRGS

Talvez uma das maiores dificuldades dos professores de arte em países como o Brasil seja, justamente, o acesso às obras de arte. O conhecimento que pauta o planejamento das aulas é fruto, na sua grande maioria, do contato com livros, manuais e reproduções. Entretanto, como um professor pode falar de arte sem vivenciá-la? Nos últimos anos, buscando modificar esse quadro, museus e instituições culturais públicas e privadas têm apostado em projetos de arte-educação, aproximando professores e estudantes do universo da arte. Trata-se de uma iniciativa de fundamental importância, mas que geralmente restringe o seu campo de alcance e atuação às capitais.

A Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB), localizada em Viamão (RS), vem adotando uma postura diferenciada, investindo no desenvolvimento da comunidade na qual se insere e buscando fomentar o debate em torno da arte contemporânea. Palestras e conversas com artistas e curadores integram a agenda permanente da instituição que, neste ano de 2012, formaliza seu Programa Educativo, numa

parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Viamão. Voltado a professores das redes de ensino da região metropolitana de Porto Alegre, o Programa contempla não apenas uma revisão teórica sobre conceitos e práticas da arte moderna e da arte contemporânea, como aproxima os docentes dessa produção, através do acervo da FVCB.

Com suas mais de 1.500 obras, o acervo tem como foco a arte produzida a partir dos anos 1960. Desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, esculturas, objetos, instalações, vídeos e livros de artista, além de publicações, integram a coleção, reconhecida nacional e internacionalmente pela sua primazia. Todos os anos, na Sala dos Pomares, a FVCB apresenta um recorte desse conjunto, a partir do olhar sensível de curadores convidados. Trata-se de uma excelente oportunidade aos visitantes, de observar e de vivenciar obras pouco acessíveis no circuito local. Aos professores de arte, em especial, essas mostras podem constituir o ponto de partida para ações pedagógicas, para a reflexão acerca do lugar da arte na cultura contemporânea.

GLOSSÁRIO

ABSTRAÇÃO GEOMÉTRICA: Variante da arte abstrata que organiza os elementos formais com base em composições matemáticas. Suas obras iniciais remontam às vanguardas europeias do início do século XX, tais como o Concretismo Russo, a Bauhaus, o Suprematismo de Kasimir Malevitch (1878–1935) e o Neoplasticismo (ou De Stijl), de Piet Mondrian (1872–1944) e Theo van Doesburg (1883–1931). Entrou em evidência no Brasil durante a década de 1950 por meio do Concretismo.
Ver, em Des – Estruturas: Lygia Clark, Joseph Albers, Nelson Wiegert, Pic Adrian.

ANOTAR: Fazer registros que podem ser tanto escritos quanto falados ou até mesmo imaginados. Em arte, anotações são bases para projetos a serem realizados. São como guias para nos lembrarmos de coisas ou recursos para criarmos situações futuras.

ARQUITETURA: Arte ou técnica de projetar e edificar o ambiente habitado pelo ser humano. Trata da organização do espaço e de seus elementos. Em última instância, a arquitetura lida com qualquer problema de agenciamento, organização, estética e ordenamento de componentes em situação de arranjo espacial. Associa-se diretamente à organização do homem no espaço, principalmente no espaço urbano.
Ver, em Des – Estruturas: Maristela Salvatori.

ARTE ABSTRATA: Em seu sentido mais amplo, esse termo pode ser aplicado a qualquer arte que não representa objetos reconhecíveis (como grande parte da arte decorativa, por exemplo). Na história da arte, entretanto, o termo “arte abstrata” está relacionado às formas surgidas no século 19 que abandonaram a tradicional concepção européia da arte como imitação da natureza. Entre os artistas basilares dessa corrente temos Wassily Kandinsky (1866–1944), Kasimir Malevitch (1878–1935), Paul Klee (1879–1940) e Piet Mondrian (1872–1944), que exploraram, em seus trabalhos, elementos como ponto, linha, cor e superfície.
Ver, em Des – Estruturas: Anna Maria Maiolino, Emilio Vedova, Frantz, Pic Adrian.

ARTE CONCRETA: Tendência da abstração geométrica que repudia toda referência figurativa e baseia-se somente no uso de formas geométricas. O termo foi cunhado por Theo van Doesburg (1883–1931), que, em 1930, publicou um manifesto intitulado *Arte Concreta*, no qual pregava: “Não há nada mais concreto do que a uma linha, uma cor, um plano”. Logo depois, o suíço Max Bill (1908–1994) deu seguimento às propostas de Doesburg, assim definindo a pintura concreta: “[ela] elimina toda e qualquer representação naturalista; serve-se exclusivamente dos elementos fundamentais da pintura: a cor e a forma da superfície. Sua essência é, assim, a completa emancipação de todo modelo natural; criação pura”. Na década de 1950, no Brasil, os grupos artísticos Ruptura e Frente, inspirados em Max Bill, adotaram o termo “Concretismo” para designar uma arte objetiva, abstrata e bastante vinculada às teorias matemáticas

e à psicologia da percepção. Os textos de Waldemar Cordeiro e de Ferreira Gullar foram fundamentais para a divulgação dessa nova linguagem. No Rio de Janeiro, especialmente, o Concretismo se desdobrou em Neoconcretismo, tendo como principais expoentes Lygia Clark (1920–1988), Lygia Pape (1927–2004) e Helio Oiticica (1937–1980). Entre os principais artistas da vertente concretista no Brasil estão Waldemar Cordeiro (1925–1973), Luís Sacilotto (1924–2003) e Geraldo de Barros (1923–1998).

ARTE CONTEMPORÂNEA: No sentido literal, é o que se produz em nossa época: é a arte atual. Porém, ao usarmos o termo “arte contemporânea”, não estamos falando estritamente do que se faz hoje, mas de produções artísticas que despontaram a partir da década de 1960 e que discutem, entre outros, a própria noção de arte e de artista. A referência à tradição da história da arte, as narrativas pessoais e subjetivas e as relações com a vida e o cotidiano, entre outros, têm pautado parcela expressiva dos artistas contemporâneos.

BAUHAUS: Escola de arte, arquitetura e artes aplicadas que se tornou o grande centro do design moderno na Europa, ao longo da década de 1920, desempenhando um papel fundamental no estabelecimento dos padrões de relação entre o design e as técnicas de produção industrial. A Bauhaus constituiu-se em 1919, em Weimar, na Alemanha, a partir da fusão da antiga Academia de Belas Artes e da Escola de Artes e Ofícios da cidade. Teve como primeiro diretor e idealizador o arquiteto Walter Gropius (1883–1969), que congregou entre os professores da escola alguns dos mais influentes artistas plásticos daquele período, como Wassily Kandinsky (1866–1944), Paul Klee (1879–1940), Lyonel Feininger (1871–1956), Oskar Schlemmer (1888–1943), László Moholy-Nagy (1895–1946) e Joseph Albers (1888–1976). O estilo característico da Bauhaus era severo, geométrico e impessoal, mas com um refinamento de forma e de linha que derivava de uma estrita economia de meios e de um estudo atento da natureza dos materiais. Suas maiores influências aparecem na tipografia, na arquitetura e no design de produto, com ênfase no mobiliário. A escola, que teve ainda duas outras sedes, em Dessau, a partir de 1925, e em Berlim, a partir de 1932, foi fechada pelos nazistas em 1933, sob acusação de subversão. Nos anos seguintes, graças ao trabalho de divulgação de seus ex-alunos e ex-professores, como Marcel Breuer (1902–1981) e Ludwig Mies van der Rohe (1886–1969), encontramos suas influências em várias partes do mundo.

Ver, em *Des – Estruturas*: Joseph Albers.

BRINQUEDO: Na acepção corrente, é o objeto com o qual as crianças se entretêm. Os brinquedos, no entanto, vão além do aspecto lúdico e podem nos auxiliar a estabelecer relações e questionamentos. Muitos artistas modernos e contemporâneos exploraram em seus trabalhos elementos ou a linguagem dos brinquedos.

Ver, em *Des – Estruturas*: Helio Ferverza, Lygia Clark, Regina Ohlweiler, Vera Chaves Barcellos.

BICHOS: No vocabulário corrente, “bicho” significa animal, inseto ou mesmo monstro fantástico. Na história da arte brasileira, a palavra remete à série desenvolvida a partir de 1960 por Lygia Clark (1920–1988). Trata-se de obras tridimensionais em metal, cujas articulações lhes permitem assumir formas diversas. Com seus *Bichos*, Lygia também colocava em cena o espectador, convidado a interagir com a obra.

Ver, em *Des – Estruturas*: Lygia Clark.

CARRETEL: Bobina, roldana pequena, cilindro no qual se enrolam os fios de linha. Na obra de Iberê Camargo (1914–1994), o carretel, que fora seu brinquedo de infância, assume papel fundamental, sendo signo, ícone e personagem.

Ver, em *Des – Estruturas*: Eduardo Frola.

COMPOSIÇÃO: Ato de construir um conjunto organizando diferentes elementos. A composição pode ser o elemento de partida para a realização de uma obra, quando um artista elege regras com as quais vai trabalhar.

CONSTRUTIVISMO: Movimento artístico de vanguarda baseado na abstração geométrica e que incorpora à obra de arte os conceitos de espaço e tempo, visando à obtenção de formas dinâmicas. Surgiu na Rússia por volta de 1913, tendo à frente Vladimir Tatlin (1885–1953). Mais tarde, os irmãos Antonie Pevsner (1886–1962) e Naum Gabo (1890–1977) se incorporaram ao movimento, lançando seus princípios em 1920, no *Manifesto Realista*. Esses artistas rejeitavam a ideia de que a arte precisaria servir a um propósito social útil e conceberam uma arte puramente abstrata, que refletia a tecnologia e o maquinário modernos, fazendo uso de materiais industriais como o vidro e o plástico. Para o Construtivismo, a obra de arte é uma construção, organizada como uma edificação e elaborada por métodos análogos. Na tradição latino-americana, “construtivo” e “construtivismo” são termos associados à abstração geométrica e à figura do uruguaio Joaquín Torres-García (1874–1949).

COR: Tem como característica a qualidade expressiva, basicamente sensual. As cores estão relacionadas com os diferentes comprimentos de onda do espectro eletromagnético e são percebidas em faixa específica, no que chamamos de zona do visível. Cor é luz, sendo que a cor branca resulta da sobreposição de todas as cores, enquanto que o preto é a ausência de luz e, portanto, ausência de cores. Uma luz branca pode ser decomposta em todas as cores por meio de um prisma. Na natureza, essa decomposição origina o arco-íris.

Ver, em *Des – Estruturas*: Carlos Pasquetti, Lenir de Miranda, Luis Capçada, Maria Lucia Cattani.

CORPO: A partir da década de 1960, o corpo humano inteiro, ou parte dele (como cabelo, suor, unhas e pele), passa a ser matéria para as artes visuais. Se, por um lado, os artistas realizam performances e retratam o próprio corpo em diferentes mídias, por outro também propõem obras de ativação dos sentidos do espectador, através de cheiros, ruídos ou texturas.

Ver, em Des – Estruturas: Carlos Pasquetti, Eduardo Frota, Lygia Clark.

DESENHO: Representação por meio de linhas, traçados. O desenho é encarado tanto como processo, quanto como resultado artístico. No primeiro caso, refere-se ao modo pelo qual uma superfície é marcada, aplicando-se sobre ela a pressão de uma ferramenta (em geral, um lápis, caneta ou pincel) e movendo-a de forma a surgirem pontos, linhas e formas planas. Na contemporaneidade, muitos artistas trabalham não apenas o desenho sobre o seu suporte mais tradicional, o papel, mas exploram o que se convencionou chamar de “desenho no espaço”, numa relação com a cidade e a arquitetura.

Ver, em Des – Estruturas: Anna Maria Maiolino, Regina Ohlweiler, Riera I Aragón, Tadeus Lapinski.

DESORDEM: Ausência de ordem; desarranjo.

Ver, em Des – Estruturas: Lenir de Miranda.

ESCALA HUMANA: Escala é um sistema de referências e medidas convencionado pelo homem. Dizer que algo tem escala humana significa dizer que esse elemento tem dimensões e qualidades adequadas ao tamanho de uma pessoa, à percepção de seu corpo e do lugar que ele ocupa.

Ver, em Des – Estruturas: Eduardo Frota, Carlos Pasquetti, Ione Saldanha.

ESCULTURA: Uma escultura possui volume e é percebida como um corpo no espaço, fechado em si mesmo, o qual circundamos. Pode-se criar uma escultura por meio da modelagem, da talha ou da adição de materiais, entre outros.

Ver, em Des – Estruturas: Eduardo Frota, Luis Capçada, Lygia Clark, Nelson Weigert.

ESPECTADOR: Aquele que observa, assiste ou presencia um fato, uma obra, uma ação. Em algumas produções artísticas, como o teatro, há o encontro entre o artista e o espectador. Em outras, como o cinema e a literatura, esse encontro se dá pela obra. Nas artes visuais, existem obras que caminham nas duas direções. Diante de uma obra de arte, o espectador pode assumir uma postura indiferente, interessada ou interativa.

ESTRUTURA: Articulação, distribuição e ordenamento dos elementos que compõem uma casa, um corpo, uma obra.

Aquilo que dá sustentação a algo. O termo refere-se à maneira de organizar os elementos que compõem uma obra de arte, assim como as relações entre eles, ou ainda à armação que sustenta uma escultura ou peça tridimensional.

Ver, em Des – Estruturas: Carlos Pasquetti, Eduardo Frota, Frantz, Lenir de Miranda, Lygia Clark, Lucia Koch, Maristela Salvatori, Vera Chaves Barcellos.

FIGURAÇÃO: Em oposição à corrente abstrato-geométrica da arte, a figuração é uma tendência expressiva que busca reproduzir ou representar, a partir de diversos enfoques plásticos e conceituais, a realidade circundante. É uma tendência expressiva que existe desde a origem da humanidade.

Ver, em Des – Estruturas: Lenir de Miranda, Maristela Salvatori, Riera I Aragón.

FORMAS BÁSICAS: No plano bidimensional, são o ponto, a linha e todas as formas que podem ser criadas com esses, como círculos, quadrados e triângulos. No plano tridimensional, são o cilindro, o cubo e o prisma. Em suma, são os elementos basilares usados na elaboração de uma obra.

Ver, em Des – Estruturas: Joseph Albers, Judith Lauand, Riera I Aragón.

GRAVURA: Gravura é um termo genérico que abrange vários processos gráficos de reprodução em série de uma imagem artística. Dependendo da matriz utilizada, a gravura pode ser uma xilogravura (quando a matriz é a madeira), gravura em metal (quando a matriz é uma chapa de zinco ou de cobre), litografia (quando a matriz é uma pedra gordurosa), serigrafia (quando a matriz é uma tela de nylon) ou monotipia que, como o nome sugere, é uma gravura de cópia única, cujo processo pode ser muito variado, dependendo da criatividade do artista.

Ver, em Des – Estruturas: Anna Maria Maiolino, Emilio Vedova, Joseph Albers, Judith Lauand, Lily Hwa, Maria Lúcia Cattani, Maristela Salvatori, Pic Adrian, Regina Ohlweiler, Riera I Aragón, Tadeusz Lapinski, Vera Chaves Barcellos.

INSTALAÇÃO: O termo instalação é incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960. Para a apreensão da obra, é preciso percorrê-la, passar entre suas aberturas, ou simplesmente caminhar pelas veredas e trilhas que ela constrói por meio da disposição das peças, cores e objetos.

Ver, em Des – Estruturas: Eduardo Frota, Carlos Pasquetti.

JOGO: É toda e qualquer atividade em que existe a figura do jogador (participante que interage na atividade do jogo). Jogos são atividades estruturadas, praticadas com fins recreativos e, em alguns casos, assumem o caráter de instrumentos educacionais. Jogos geralmente envolvem estimulação mental ou física e muitas vezes ambos.

Ver, em Des – Estruturas: Helio Ferverza, Lenir de Miranda, Lygia Clark, Vera Chaves Barcellos.

LINHA: Nasce do poder de abstração da mente humana, pois não há linhas corpóreas no espaço natural. Surge entre dois pontos e do movimento que tira do repouso um desses pontos. Responsável pela configuração de um espaço em direção e dimensão. Sua propriedade especial é a capacidade de criar planos.

Ver, em Des – Estruturas: Ana Maria Maiolino, Joseph Albers, Iole de Freitas, Lily Hwa, Maristela Salvatori, Regina Ohlweiler, Tadeuz Lapinski.

LITOGRAFIA: Processo de gravura desenvolvido em 1796 que tem como matriz uma pedra gordurosa. Baseia-se em um princípio simples: a repulsão entre água e materiais gordurosos. As pedras são especiais, geralmente importadas da Alemanha, e têm a possibilidade de, após o polimento, serem receptivas a um desenho com lápis ou tinta gordurosa. Em seu processo, a litografia é bastante complexa: sobre o desenho é colocada uma cola (goma arábica) com algumas gotas de ácido nítrico que fazem com que este, depois de algum tempo, se fixe à pedra. Depois de seca, lava-se a pedra para tirar toda a cola e, conservando-se úmida a superfície da pedra, passa-se um rolo com a tinta na cor desejada. A tinta vai aderir somente às partes gordurosas, fazendo reaparecer o desenho original. Coloca-se então a pedra na prensa para fazer a impressão.

Ver, em Des – Estruturas: Emilio Vedova, Tadeuz Lapinski.

LIVRO DE ARTISTA: Forma artística que explora o formato do livro, tanto em sua estrutura, como em seu conceito. Popularizado na segunda metade dos anos 1960, foi bastante empregado nos anos 70 entre os artistas conceituais, como uma forma de circulação de idéias muitas vezes complexas, incluindo imagens e texto. O termo define tanto o livro convencional, produzido em parceria com o editor comercial em tiragem limitada, quanto o que enfatiza o objeto físico e individual.

Ver, em Des – Estruturas: Frantz.

LUZ: Na forma como a conhecemos, é uma gama de comprimento de onda a que o olho humano é sensível. Trata-se de uma radiação eletromagnética. As três grandezas físicas básicas da luz são: brilho (amplitude), cor (frequência) e polarização (ângulo de vibração). Um raio de luz é a representação da trajetória da luz em determinado espaço, e sua representação indica de onde a luz sai (fonte) e para onde ela se dirige. Na pintura, luz é densidade.

Ver, em Des – Estruturas: Lucia Koch.

MODERNISMO: No âmbito da cultura, define um conjunto de movimentos artísticos e literários nas mais diversas formas expressivas, nascidos no final do século 19 e nas primeiras décadas do século 20. Tais manifestações refletiram no campo da cultura as mudanças radicais vivenciadas no mundo ocidental em sua esfera socioeconômica, em função das mudanças instauradas pelo processo de industrialização. Portanto, a nova produção artística se contrapôs às formas tradicionais de arte. Estão associados ao Modernismo movimentos comumente conhecidos como vanguardas históricas, entre elas: impressionismo, expressionismo, suprematismo, construtivismo russo, futurismo, surrealismo e cubismo. Nesse conjunto, é fundamental mencionar também a arquitetura moderna e a força da fotografia como modo de expressão artística.

MONOTIPIA: Como o nome sugere, é a gravura com cópia única. O processo pode ser muito variado, dependendo da criatividade do indivíduo. A forma mais comum é criar um desenho sobre uma superfície de vidro com tintas a base de água ou óleo, e pressionar um papel sobre o desenho. Em geral, as tintas se espalham criando efeitos inesperados, mas, com um pouco de prática, a técnica pode ser dominada e corresponder de forma bem aproximada à intenção do autor. Também colagens, relevos com cordões ou papéis com texturas, lixas ou folhas podem servir como matrizes para as mais variadas monotípias.

Ver, em Des – Estruturas: Maristela Salvatori.

NEOCONCRETISMO: Em 1959, liderados por Ferreira Gullar (1930), os artistas concretos do Rio de Janeiro recusaram o excesso de racionalismo vigente no Concretismo e se declararam "neoconcretos". Franz Weissmann (1911–2005), Lygia Clark (1920–1988), Lygia Pape (1927–2004), Helio Oiticica (1937–1980) e Amílcar de Castro (1920–2002), entre outros, defendiam a liberdade de experimentação, a retomada de intenções expressivas e o resgate da subjetividade. Os neoconcretos também estavam atentos ao caráter construtivo da arte, mas ressaltavam a fusão entre arte e vida, reformulando o objeto artístico como plurissensorial e incorporando efetivamente o observador, convidado a manipular e a interagir com as obras de arte.

Ver, em Des – Estruturas: Lygia Clark.

OBSERVAR: Olhar atenta e minuciosamente para um fato, uma pessoa, um lugar ou um objeto. A observação do mundo é o ponto de partida para a produção de alguns artistas contemporâneos.

Ver, em Des – Estruturas: Helio Ferverza.

ORDEM: Disposição ou colocação metódica das coisas em seu devido lugar; conveniente disposição dos meios para obter os fins; regularidade; conveniência; arranjo; disciplina.

Ver, em Des – Estruturas: Ione Saldanha, Nick Rands.

PROCESSO ARTÍSTICO: Conjunto de métodos, experimentações e procedimentos de ordem conceitual e prática que integram o trabalho de criação de um artista e lhe possibilitam descobertas e caminhos para a elaboração e formalização da sua poética ou trabalho artístico.

PESQUISAR: Conjunto de atividades que têm por finalidade a descoberta de algo novo ou a redescoberta de algo do passado. Movidos pelo interesse por temas gerais, da história, da ciência e muitos outros, como a história individual de pessoas comuns, artistas vêm assumindo uma postura investigativa em seus trabalhos que, em alguns momentos, são o próprio ato da pesquisa. No caso de pesquisa científica, ela pressupõe uma metodologia, cujo padrão é: formulação de uma hipótese; levantamento de dados e fontes de pesquisa; realização de experimentos empíricos; análise e avaliação do material levantado à luz da hipótese inicial.

PINTURA: A pintura refere-se genericamente à técnica de aplicar pigmento em forma líquida a uma superfície, tais como papel, tela, cartão, parede (pintura mural, afresco, grafite...), atribuindo-lhe matizes, tons e texturas. O elemento fundamental da pintura é a cor. A relação formal entre as massas coloridas presentes em uma obra constitui sua estrutura fundamental, guiando o olhar do espectador e propondo-lhe sensações de calor, frio, profundidade, sombra, luz, entre outras.

Ver, em Des – Estruturas: Frantz, Ione Saldanha, Lenir de Miranda, Nick Rands.

PLANO: É formado pelas linhas que definem o contorno de uma área, que se torna um novo elemento. A superposição de planos provoca a sensação de profundidade. A cor pode assumir papel de plano, já que lhe é atribuída uma relação de posição. Entende-se por plano básico a superfície material chamada a receber o conteúdo da obra. O plano não é tratado como um elemento formal em si, mas como superfície de cores e valores, como se verifica, por exemplo, na pintura de Paul Klee (1879–1940).

Ver, em Des – Estruturas: Joseph Albers, Judith Lauand, Lygia Clark, Nelson Weigert, Pic Adrian.

PONTO: O ponto geométrico é invisível, de modo que deve ser definido como um ente abstrato. O ponto é o elemento primário da pintura e, em especial, da obra gráfica. O ponto tem seus limites relativos, é pleno de possibilidades e tensão concêntrica. No figurativo, o valor de elemento se encontra velado, reprimido. No abstrato, surge como um elemento pleno e a descoberto. O ponto está subjacente a outros elementos, como a linha, a cor e o valor, em termos de medida, densidade e qualidade.

Ver, em Des – Estruturas: Anna Maria Maiolino, Nick Rands, Pic Adrian.

REGRAS: Normas e princípios definidos arbitrariamente para determinar maneiras apropriadas de agir e de se comportar. As regras orientam os jogos e também os direitos e deveres das pessoas e das instituições na sociedade. Criar novas regras, questionar as já existentes ou até mesmo burlá-las é fonte de trabalho para artistas contemporâneos.

Ver, em Des – Estruturas: Nick Rands, Vera Chaves Barcellos.

REPETIÇÃO: Ato de repetir, fazer outra vez; repisar; acontecer de novo.

Ver, em Des – Estruturas: Frantz, Nick Rands.

SERIGRAFIA: Processo de gravura cuja matriz é uma tela de nylon. A serigrafia, largamente utilizada nos dias de hoje, possibilita reproduzir desenhos e fotografias. Baseia-se no seguinte princípio: uma forma recortada, colocada sobre um papel, serve como molde e é preenchida por uma cor que é passada para o papel. Desta vez, o suporte utilizado é uma tela finíssima, confeccionada com nylon especial e montada em um bastidor de forma bastante tensionada. Transfere-se a imagem para a tela por meio de um processo realizado na penumbra e que se baseia em princípios da fotografia. A forma gravada sempre será o negativo da forma impressa, para cada cor impressa é necessária uma matriz diferente.

Ver, em Des – Estruturas: Anna Maria Maiolino, Pic Adrian.

XILOGRAVURA: Técnica de reprodução de imagens milenar, surgida no Oriente e que, no Ocidente, desenvolveu-se a partir do século XIII. Tem como característica a adoção de uma matriz de madeira. A partir de um desenho sobre uma prancha bem lixada de madeira, é produzida a matriz. Após, são feitas incisões na superfície da madeira, em toda superfície não desenhada, por meio de instrumentos de corte com pontas de metal de diversos formatos denominados goivas. Após essa etapa, a superfície restante recebe, por meio de um rolo, tinta especial para impressão (a mesma utilizada em impressões *offset* industriais), até que a distribuição sobre a superfície não gravada seja absolutamente uniforme. Chega-se, então, à hora de produzir a cópia da gravura, colocando um papel um pouco maior do que a matriz. Esse papel será pressionado contra a matriz, e isso pode ser feito tanto por meio de uma prensa, como utilizando artefatos simples como uma colher de madeira. Em relação ao desenho original, a cópia obtida surgirá em espelho.

Ver, em Des – Estruturas: Judith Lauand.

REFERÊNCIAS

LIVROS DE REFERÊNCIA

- ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.
- ARGAN, Giulio Carlo. *A Arte Moderna na Europa – de Hogarth a Picasso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BASBAUM, Ricardo (Org.). *Arte Contemporânea Brasileira*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- CANTON, Katia. *Do Moderno ao Contemporâneo*. Coleção temas de arte contemporânea. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CLARK, T.J. *A Pintura na Vida Moderna – Paris na arte de Manet e de seus seguidores*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- COLI, Jorge. *O que é arte?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- DEMPSEY, Amy. *Estilos, Escolas e Movimentos – Guia Enciclopédico da Arte Moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- DUARTE, Paulo Sérgio. *Arte Contemporânea Brasileira: um Prelúdio*. Rio de Janeiro: Silvia Roesler Edições de Arte, 2008.
- FIEDLER, Jeannine & FEIERABEND, Peter. *Bauhaus*. Köln (Alemanha): Könemann, 2000.
- MILLET, Catherine. *A Arte Contemporânea*. Lisboa (Portugal): Instituto Piaget, 1997.
- RICKEY, George. *Construtivismo – Origens e Evolução*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- STANGOS, Nikos. *Conceitos da Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- WALTHER, Ingo (Org.). *Arte do Século XX*. Köln (Alemanha): Taschen, 2000.
- WOOD, Paul; FRASCINA, Francis; HARRIS, Jonathan; HARRISON, Charles. *Modernismo em Disputa – A Arte desde os anos Quarenta*. São Paulo: Cosac Naify, 1998.

CATÁLOGOS

- Catálogos da Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo.
- Catálogos da Bienal do Mercosul. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul.
- O Triunfo do contemporâneo: 20 anos do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul*. Curadoria de Gaudêncio Fidelis. Porto Alegre: Imago Escritório de Arte, 2012.
- Vera Chaves Barcelos*. Porto Alegre: Espaço N.O., 1986.

OUTROS MATERIAIS

- Material Didático desenvolvido pelo Programa Educativo da Fundação Iberê Camargo. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2010.
- Material de apoio educativo para o trabalho do professor com arte. Núcleo Educação XXIV da Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998.
- Projeto Educativo da XXIX Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2010.
- Recursos Educativos em Artes: Gravura. Caderno do Professor. São Paulo: Itaú Cultural, 2000.



CARLOS PASQUETTI, Energizador Printemps, 2000/2001

PALAVRAS-CHAVE

cor – corpo – escala – espectador – instalação

Diante de uma obra de arte, o espectador pode assumir uma postura indiferente, interessada ou interativa. Uma dúzia de peças orgânicas de cores vibrantes escorrendo pela parede em contraste com o grande vulto ou peça central da instalação. Esse objeto central apresenta-se como um corpo inanimado e enigmático.

O entendimento da arte é um processo permanente e contínuo que envolve o saber como experiência do vivido. O visível e o invisível, o comunicável ou o não comunicável abrem campo para a imaginação e as leituras múltiplas provocadas pelo estranhamento e a empatia que trazem a ideia como forma de expressão conceitual na instalação de Carlos Pasquetti.

DESAFIO: Trazer para a sala de aula objetos – metáforas que falem de sentimentos, sensações, ideias e conteúdos que contemplem as reflexões do grupo; a partir dos objetos, elaborar roteiro para a criação e construção de uma resposta poética: instalação no espaço escolar; organizar equipes para acompanhar a visita de alunos de outras turmas da escola à instalação criada pelos alunos; expandir o conhecimento, proporcionando vivências do processo e ampliando o entendimento de instalação e de arte contemporânea.

CARLOS PASQUETTI

(Bento Gonçalves, RS, Brasil, 1948)

Energizador Printemps, 2000/2001

Instalação

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE O ARTISTA: Vive e trabalha em Porto Alegre, RS. Graduado em Pintura pelo Instituto de Artes da UFRGS (1970); um ano depois, realiza sua primeira exposição individual no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) de Porto Alegre. Ainda na década de 1970, leciona durante oito anos no Departamento de Arte Dramática da UFRGS. Pertenceu e foi um dos fundadores, em 1976, do grupo Nervo Óptico. De 1980 a 1981, realiza sua pós-graduação na School of the Art Institute of Chicago, Estados Unidos, recebendo o título de Master in Fine Arts. Em 1991, viaja para a Europa, onde visita escolas e centros de Arte Contemporânea em Edimburgo e Glasgow, Escócia, e em Londres e Oxford, Inglaterra. Foi aluno, entre outros, de Robert Loescher, Ray Yoshida, Philip Hanson, Martin Prekop, Diane Townsend, Karen Savage e Iberê Camargo.



EDUARDO FROTA, *Carretéis*, 2005

PALAVRAS-CHAVE

arquitetura – carretel – escala – escultura – espectador – instalação

O artista caminhava por uma zona portuária e industrial quando se deparou com carretéis gigantes. Assim como o artista, o espectador pode assumir uma postura indiferente, interessada ou interativa perante um objeto reconhecível. Mas é a escolha e a atitude das ações de apropriação e descolamento que reconhecemos como práticas na arte contemporânea. O trabalho de Eduardo Frota nos proporciona a percepção da interação entre o espaço público e o privado como formas de conscientização da inserção do indivíduo no meio cultural. Percorrer o espaço entre os carretéis, sentir as diferenças de escala e tamanho, formar atitudes críticas e poéticas perante a obra fazem parte de sua proposta.

DESAFIO: (para o grupo, 2 minutos) Nossos espaços se organizam de acordo com a nossa relação com o outro. Escolha um participante do seu grupo e, com uma régua, demarque a distância que ele manteria em relação a um estranho, a um amigo e a um familiar. Compare as medidas e faça um mapa com todas as medidas que você coletou.

EDUARDO FROTA

(Fortaleza, CE, Brasil, 1959)

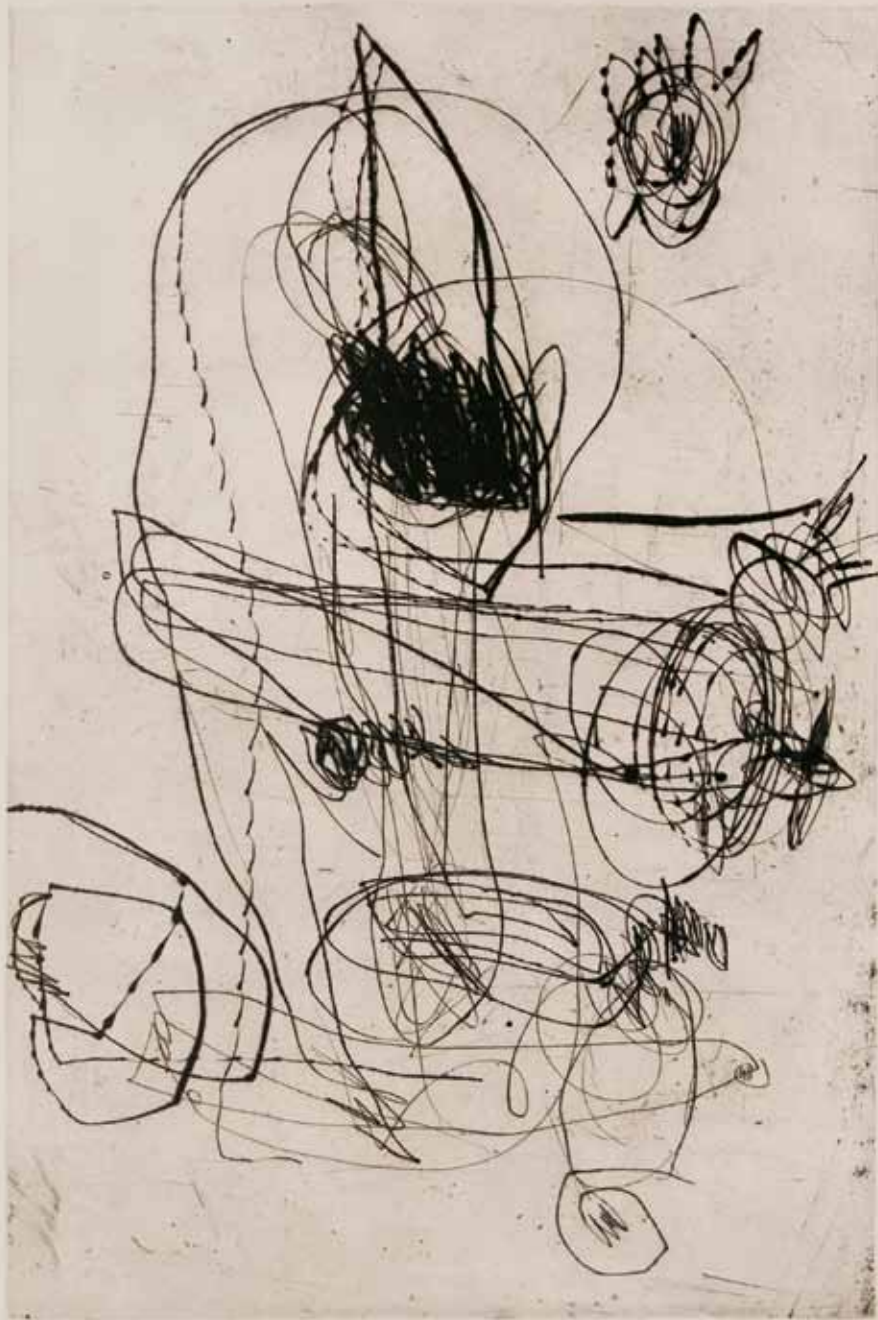
Carretéis, 2005

Instalação com madeira reflorestada

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

Obra adquirida através do Fundo Nacional de Cultura – MINC, 2007

SOBRE O ARTISTA: Vive e trabalha em Fortaleza, CE. Exerce atividade didática como professor de arte e arte educador desde 1979. Como artista plástico, desenvolve seu trabalho desde 1977. Durante 1979 e 1980, fez o Curso Intensivo de Arte/Educação (CIAE) Escolinha de Arte do Brasil – EAB, Rio de Janeiro, RJ. Entre 1982 e 1986, estudou no Rio de Janeiro, formando-se em Educação Artística na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. A ênfase no rigor técnico-formal empreendido por Frota – no qual se mescla o exercício do artista com o do artesão, do arquiteto e do engenheiro – na construção de formas cilíndricas, orgânicas e, muitas vezes, monumentais, revela a necessidade de enfrentamento com o real, no caso, com a arquitetura.



REGINA OHLWEILER, *Sem título*, da série *Juguetes, Brinquedos de Guerra*, 1994

PALAVRAS-CHAVE

figuração – linha – gravura

A compreensão da arte é um processo que se inicia na infância e vai se estruturando à medida que o sujeito incorpora novas experiências estéticas e de mundo. Regina faz sua arte como renovação do olhar sobre o que é considerado banal no cotidiano. O título da obra propõe relações entre cotidiano, identidade, memória e contextos históricos e políticos. A artista faz uso dos elementos formais e expressivos para trabalhar a figura, resultado do vigor da linha e da exaustão do gesto.

DESAFIO: Solicitar aos alunos que tragam os mais variados objetos de uso cotidiano e proponham uma nova dimensão para eles, alterando sua função tradicional ou refletindo sobre o seu uso cotidiano, ao descontextualizar o objeto. Inserir a proposta no estudo do título da obra de Regina.

REGINA OHLWEILER

(Porto Alegre, RS, Brasil, 1954)

Sem título, da série *Juguetes, Brinquedos de Guerra*, 1994

Gravura em metal sobre papel algodão, 68 x 49 cm

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE A ARTISTA: Vive e trabalha em Porto Alegre, RS. Bacharel em Artes Plásticas (Desenho e Gravura) pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980. Fez residência no Frans Masereel Centrum, 1988, Kasterlee, Antuérpia, e no London Print Studio, 1992, Londres, Inglaterra. Em 1992, foi premiada na 10ª Mostra da Gravura Cidade de Curitiba, Curitiba, PR. Possui obras em diversos acervos públicos e privados, entre eles o Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, Porto Alegre, RS, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, PR, London Print Studio, Londres, Inglaterra, Museo Nacional Del Grabado, Buenos Aires, Argentina, e Rijksmuseum Antwerp – Prentenkabinet, Antuérpia, Bélgica.



RIERA I ARAGÓ, *Avió sobre negre*, 2003

PALAVRAS-CHAVE

figuração – formas básicas – gravura

O trabalho deste artista se caracteriza por uma figuração pessoal de caráter intimista, autobiográfica. Arte é signo. Mais do que representação pura e simples do real, tem motivações estéticas que correspondem à inserção do artista em seu próprio tempo, às escolhas temáticas e aos recursos expressivos dos quais ele se vale. Se analisamos a estrutura do quadro, observamos a organização da superfície da obra pela direção das linhas, e pelos dois pontos de cor vermelha definindo as rodas e o plano amarelo como corpo do avião em contraste com o fundo. O avião sobre o negro da noite? A máquina parece frágil perante a densidade da noite? Soltemos a imaginação!

DESAFIO: Os alunos criarão máquinas e meios de transporte, desenhando, gravando, recortando, colando e usando as formas básicas (plano, linha, ponto, figuras geométricas simples). Converse sobre qual seria o mínimo necessário para representarmos uma imagem.

RIERA I ARAGÓ

(Barcelona, Espanha, 1954)

Avió sobre negre, 2003

Gravura em metal, água forte e colagem, 65,6 x 51,5 cm

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE O ARTISTA: Estudou na Faculdade de Belas Artes de Barcelona. Ao longo de sua carreira, fez esculturas, pinturas e trabalhos gráficos. Riera i Aragó recria em seu trabalho um mundo de máquinas e equipamentos (zepelins, aviões e submarinos). Fez diversas exposições individuais, participou de importantes exposições coletivas e está presente em várias coleções de museus. É também autor de grandes esculturas em espaços públicos.



JOSEPH ALBERS, I-SW, 1971

PALAVRAS-CHAVE

Abstração Geométrica – Bauhaus – cor – plano – serigrafia

A arte abstrata, a arte construtiva e a arte concreta, entre outras, são variações de uma arte que evita a figuração ou a representação da natureza, a fim de lidar com um repertório de formas dotadas de peso e valor expressivo próprios. Apresenta formas reduzidas a estados mínimos de ordem e complexidade sob o ponto de vista do estudo das formas, da percepção e do significado. Nos Estados Unidos, destaca-se a pintura denominada *hard-edge*: linhas retas, cores puras, e da qual Joseph Albers foi o grande mestre. Nesta obra abstrato-geométrica, a estrutura é formada com a sobreposição de planos e escalas cromáticas marrons e o contraste de luz e sombra. Esta obra nos estimula a pensar em atividades práticas com as formas básicas, cores primárias e secundárias, cores puras e misturadas, para reconhecer e perceber os elementos básicos da comunicação visual.

DESAFIO: Realizar uma composição escolhendo apenas uma das formas básicas (ponto, linha, plano) e uma cor. Fazer outros exercícios variando as formas e as cores.

JOSEPH ALBERS

(Bottrop, Alemanha, 1888 – New Haven, Estados Unidos, 1976)

I-SW, 1971

Serigrafia sobre papel, 47 x 80 cm

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE O ARTISTA: Joseph Albers foi artista, designer, fotógrafo, tipógrafo e poeta, sendo reconhecido por seus trabalhos como pintor abstrato e também como teórico. Foi aluno e professor da Bauhaus, onde favoreceu uma abordagem reconhecidamente disciplinar do que seria a composição. Os mais famosos trabalhos incluem a série *Homage to the Square*, sobre a qual o artista explorou as interações cromáticas através de planos e arranjos concêntricos.



LYGIA CLARK, LC3, da série *Bichos*, 1960

PALAVRAS-CHAVE

Abstração Geométrica – bichos – brinquedo – escultura – Neoconcretismo

A série *Bichos*, de Lygia Clark, é emblemática na arte brasileira. A artista trouxe, com esses trabalhos, algo que marcaria a arte contemporânea: o convite à participação ativa do espectador, chamado a interagir com o *Bicho*; a cada ação do espectador, o *Bicho* “responde”. Lygia via nesses trabalhos “instrumentos” que, em contato direto com uma pessoa, tornavam-se meio de estimular suas sensações. Hoje, para preservar a escultura, só podemos manipular maquetes, mas é suficiente para perceber o exercício de diálogo proposto pela artista. Ao observar e manipular o *Bicho*, podemos estudar as relações entre o modo como nos percebemos e a forma como enxergamos os outros. Em seus aspectos formais, podemos afirmar que *Bicho* é uma das obras mais estruturada/des-estruturada da exposição.

DESAFIO: (para o grupo de alunos, 2 minutos)
Com os olhos vendados, você deve tentar descobrir por audição, olfato ou tato os objetos que seus colegas lhe darão. Conte qual cheiro, ou sabor ou som mais antigo de que você se lembra. De qual tem mais saudades?

LYGIA CLARK

(Belo Horizonte, MG, Brasil, 1920 – Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1988)

LC3, da série *Bichos*, 1960

Chapas de alumínio e dobradiças, 25,5 x 25,5 cm

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE A ARTISTA: Inicia seus estudos artísticos em 1947, no Rio de Janeiro, sob a orientação de Roberto Burle Marx e Zélia Salgado. Em 1950, viaja a Paris, onde estuda com Arpad Szênes, Dobrinsky e Fernand Léger. Após sua primeira exposição individual, no Institut Endoplastique, em Paris, em 1952, retorna ao Rio de Janeiro e expõe no Ministério da Educação e Cultura. Participou, na década de 1950, do Grupo Concretista do Rio de Janeiro e, no final da mesma década, do movimento conhecido como Neoconcretismo. A partir da década de 1960, seus trabalhos se abrem a outras experiências de viés fenomenológico, tendo o corpo humano e as sensações corpóreas como principal objeto investigativo. Tanto ela como sua obra fogem de categorias ou situações facilmente identificáveis, uma vez que Lygia estabelece um vínculo com a vida. Em 1981, Lygia diminui paulatinamente o ritmo de suas atividades. Em 1986, realiza-se, no Paço Imperial do Rio de Janeiro, o IX Salão de Artes Plásticas, com uma sala especial dedicada a ela e a Hélio Oiticica. A exposição constitui a única grande retrospectiva dedicada a Lygia Clark ainda em vida.



NICK RANDS, Sem título, 2005



NICK RANDS, Sem título, 2005

PALAVRAS-CHAVE

ordem – pintura – ponto – regras – repetição

Nick Rands nos oferece a oportunidade de analisar e questionar se os materiais têm voz. O que falamos sobre eles quando os selecionamos e os colocamos lado a lado? Movido pelo interesse de experimentar matérias recolhidas no meio ambiente, como barro, terra, areia, breu, entre outros, o artista tem uma postura investigativa e experimental em sua pintura. A obra é um conjunto ordenado e sequencial de pontos que mantêm relação devido a uma característica ou padrão. É uma estrutura simples que valoriza o gesto e os materiais. A pintura como exercício de paciência e método.

DESAFIO: Cada material tem qualidades específicas, que podem mudar quando um é colocado ao lado do outro. O que acontece quando o algodão é colocado ao lado do ferro? E se for colocado ao lado da tinta? Com pedaços de argila, tente representar características como leveza, maleabilidade, aspereza e viscosidade. Experimente recolher terra no pátio da escola, diluí-la em água e fazer pinturas com ela.

NICK RANDS

(Chester, Inglaterra, 1955)

Sem título, 2005

Barro sobre tela; bastidor de madeira, 90 x 18 x 2 cm cada módulo/tela

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE O ARTISTA: Vive e trabalha entre Porto Alegre, RS, e a Inglaterra. Estudou Artes Plásticas na Reading University e Arte Educação na Bristol University. Ensinou arte na Inglaterra e em Botswana, e trabalhou com Educação em Galerias na Inglaterra. Em 1992, foi artista residente no Instituto de Artes da UFRGS, como artista do Intercâmbio Southern Arts – Brasil.



FRANTZ, *Pichação*, 1985

PALAVRAS-CHAVE

arte abstrata – estrutura – livro de artista – pintura – repetição

Perceber as inter-relações entre as distintas modalidades de arte e as possibilidades de fusão entre diversos procedimentos técnicos é um modo de se aproximar das propostas da arte contemporânea. O título desta obra é *Pichação*. Saber isso ajuda a entender melhor a obra? Podemos analisar a estrutura da pintura de Frantz pela organização/desorganização da superfície e pelo tipo de pincelada. A criação da linguagem artística e do signo do "X" como forma de elaborar e compartilhar a cultura. Diante da obra do artista, temos a oportunidade de refletir sobre as possibilidades de estabelecer relações entre a linguagem artística, as letras, as palavras e as diversas manifestações culturais da pintura e incorporá-las em um exercício de criação. Discutir na prática os limites entre a comunicação e a expressão na arte e na língua, por meio do contraste entre a experiência de "pintar" para se comunicar com o "pintar" com uma finalidade expressiva.

DESAFIO: Criar mensagens partindo da ideia de cifrar/decifrar mensagens. O professor pode produzir outros códigos, utilizando figuras que os estudantes usam quando desenham, como corações, estrelas, florzinhas, etc. Usar qualquer material de desenho, pintura ou colagem, explorando diversas formas de agrupar os símbolos escolhidos. Sugira aos alunos que procurem combinar várias técnicas de criação e materiais numa mesma proposta. Pensar a elaboração de duplos numa mesma proposta.

FRANTZ

(Rio Pardo, RS, Brasil, 1963)

Pichação, 1985

Tinta acrílica sobre papel, 50 x 50 cm cada módulo

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE O ARTISTA: Vive e trabalha em Porto Alegre, RS. De formação autodidata, Frantz deixou sua cidade natal, Rio Pardo, para desenvolver, em Porto Alegre, uma intensa e polêmica pesquisa visual. Seus trabalhos, desde a década de 1980, sugerem questionamentos sobre o que é pintura, sobre o processo pictórico e sobre autoria. Participou e foi premiado, nos anos 1980, em diversos salões de arte pelo Brasil. Ministra aulas de pintura em seu ateliê.



LENIR DE MIRANDA, *Íthaca*, da série *Ulisses/Joyce*, 1986

PALAVRAS-CHAVE

cor – desordem – estrutura – figuração – jogo – pintura

Lenir de Miranda tem pautado sua obra recente nos textos em torno do lendário herói grego Ulisses. Ora revisitando o épico de Homero, ora mergulhando no texto de James Joyce, a artista tem explorado múltiplas facetas do personagem: sua tortuosa travessia pelo Mar Egeu, buscando retornar a Íthaca, sua ilha natal; o sentimento de nostalgia (*nostos*) que marca essa jornada; a ideia de passagem de tempo por trás desse percurso. Ulisses, personagem emblemático da literatura ocidental, é o mote constante de Lenir que, nesta obra, *Íthaca*, nos oferece uma possibilidade de revivermos o mito, sermos o próprio herói, escolhendo o caminho. A obra consta de 134 partes autônomas e diferentes, o que permite analisar as diferentes formas de suporte, meios e motivos para apresentar/exibir a obra; a aproximação entre as artes plásticas e às outras artes, como a literatura e o teatro. Na instalação, não há uma ordem pré-estabelecida; o tempo e o espaço são elementos constituintes da obra.

DESAFIO: Escolha um colega de seu grupo. Se pudesse descrevê-lo como uma música, qual seria? E se fosse um filme, uma comida, um poema, um lugar ou um personagem de histórias em quadrinhos? Compartilhe suas ideias com os participantes e imagine como seria possível juntar todos esses elementos em uma obra de arte.

LENIR DE MIRANDA

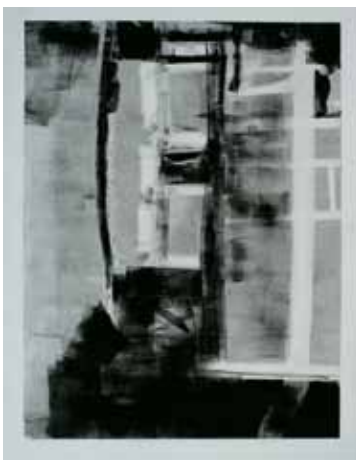
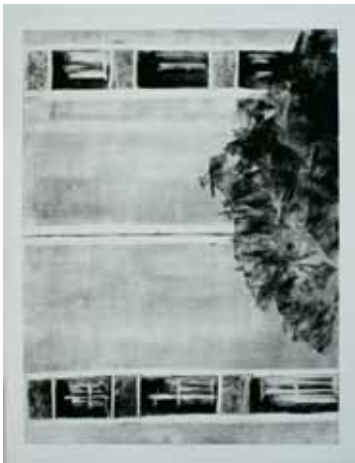
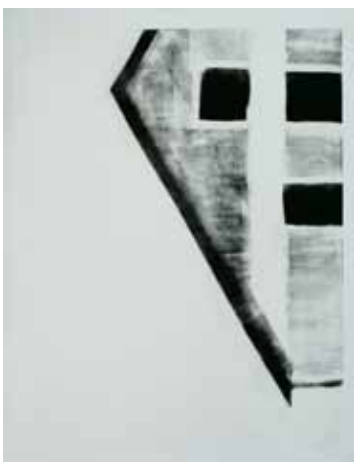
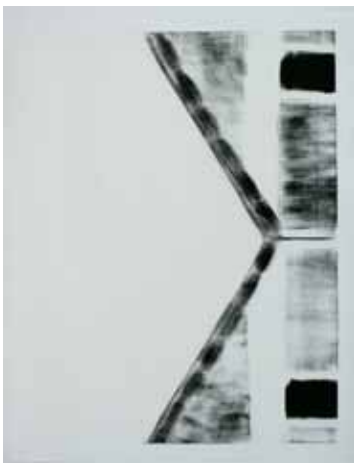
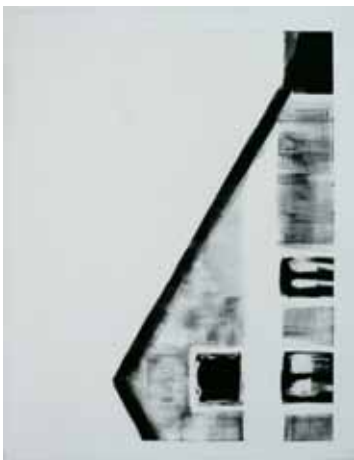
(Pedro Osório, RS, Brasil, 1945)

Íthaca, da série *Ulisses/Joyce*, 1986

Tinta acrílica sobre cartão, 134 módulos, 170 x 440 cm

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE A ARTISTA: É graduada em pintura pela Escola de Belas Artes de Pelotas, RS (1967), em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS (1975), e Mestre em Poéticas Visuais, Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS (2003). Em 1989, foi artista e professora visitante da School of Art and Design, Sunderland Polytechnic, Inglaterra. Trabalha com pintura, desenho, imagens digitalizadas, vídeo, poemas, livros-de-artista e instalação. Ganhou vários prêmios de pintura e desenho no Brasil. Participou de diversas exposições coletivas e individuais e possui obras em acervos públicos, no Brasil e no exterior.



MARISTELA SALVATORI, Bassin de la Villette, 1999

PALAVRAS-CHAVE

arquitetura – estrutura – linha – monotipia

A obra é uma composição de imagens de aspectos arquitetônicos com 12 partes que têm certa autonomia. A obra pode ser examinada como uma estrutura só, composta de diversas janelas. Cada janela é um espaço a observar. Ela nos permite analisar estruturas compositivas e suas relações com o espaço expositivo. Também podemos nos propor a debater a relação do ser humano com o ambiente, tema fundamental na contemporaneidade. Estimulados pelo trabalho de Maristela, que tal experimentar diferentes processos de impressão de monotipia?

DESAFIO: Faça um desenho de observação da sala na qual você está. Inclua detalhes, prestando atenção em quem está na sala, como ela está arrumada, os móveis e objetos, e onde você se encontra. Mostre para seus colegas.

MARISTELA SALVATORI

(Porto Alegre, RS, Brasil, 1960)

Bassin de la Villette, 1999

Monotipia sobre papel *Arches France*, 140 x 250 cm

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE A ARTISTA: Bacharel em Artes Plásticas, com ênfase em Gravura, licenciada em Educação Artística, mestre e doutora em Artes Plásticas e Ciências da Arte pela Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne. Foi artista residente na Cité Internationale des Arts, Paris/França, de 1999 a 2001, e artista residente no Centro Frans Masereel, Kasterlee/Bélgica, em vários anos. É professora junto à graduação e à pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



HELIO FERVENZA, Quebra-nuvem, 1999

PALAVRAS-CHAVE

brinquedo – jogo – observar

A obra do Hélio nos faz pensar no olhar fotográfico: documental ou artístico? Entender a consciência da produção artística como manifestação cultural, produzida e observada dentro de um contexto. A compreensão dos processos de criação da imagem fotográfica e de suas relações com a realidade pode ser apreendida de múltiplas formas. Diferentes visões de mundo coexistem na sociedade contemporânea, assim como conceitos divergentes sobre a arte e a natureza do trabalho do artista. Discutir a rica relação entre a imagem fotográfica e o assunto fotografado, reconhecendo a fotografia como instrumento de registro e como meio de expressão pessoal.

DESAFIO: Você é o fotógrafo, e seu colega, que deve permanecer com os olhos fechados, é a câmera fotográfica. Posicione sua máquina no local onde quer fotografar, escolhendo o enquadramento e o ângulo. Ao seu sinal, seu colega/câmera deve abrir e fechar os olhos, como a lente da máquina faz, ele deve capturar esse instante e representá-lo por meio de um desenho. A imagem que você vê no papel foi o que imaginou fotografar?

HELIO FERVENZA

(Santana do Livramento, RS, Brasil, 1963)

Quebra-nuvem, 1999

Impressão sobre cartão, 17,6 x 26,3 cm

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE O ARTISTA: Vive e trabalha em Porto Alegre, RS. Entre os anos de 1983 e 1985, iniciou sua formação no Atelier Livre de Porto Alegre. É graduado pela *Ecole des Arts Décoratifs de Strasbourg*/ França (Departamento Artes, opção Multimeios), mestre em Artes Plásticas pela *Université de Sciences Humaines de Strasbourg*/França e doutor em Artes pela *Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne*. Desde 1994, é professor do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, em Porto Alegre.



VERA CHAVES BARCELLOS, *Sem título*, da série *Combináveis e permutáveis*, 1969/1970

PALAVRAS-CHAVE

brinquedo – estrutura – jogo – regras

A artista é autora, apenas, de uma estrutura inicial, cujo viver ou desabrochar estão fundamentalmente vinculados à vontade de participação lúdica dos espectadores/jogadores na obra. Faça o jogo, crie as regras.

VERA CHAVES BARCELLOS

(Porto Alegre, RS, Brasil, 1938)

Sem título, da série *Combináveis e permutáveis*, 1969/1970

Xilogravura sobre papel, 19,5 x 19,5 x 2,3 cm (cada)

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE A ARTISTA: Vive entre Viamão, RS, e Barcelona, Espanha. Nos anos 1960, dedicou-se à gravura, depois de estudos na Inglaterra e na Holanda. Em 1975, aprofundou seu conhecimento em técnicas gráficas e fotografia, com Bolsa do British Council, no Croydon College em Londres. Em 1976, fez parte da representação do Brasil na Bienal de Veneza, com o trabalho *Testarte*. Desde os anos 1970, tem intensa participação na vida cultural de Porto Alegre, estando entre os fundadores do grupo Nervo Óptico (1976–1978) e do Espaço N.O. (1979-1982), e também da Galeria Obra Aberta (1999-2002). Realizou diversas exposições individuais e coletivas, no Brasil e no exterior, participando também de várias bienais de arte contemporânea. Desde a década de 1980, realiza instalações multimídia, empregando, além da fotografia, outros meios. Em 2003, instituiu uma Fundação que leva seu nome, com o objetivo de difundir a arte contemporânea e preservar a sua obra.



GISELA MARTINS WAETGE, *Territórios*, 1993

PALAVRAS-CHAVE

estrutura – formas básicas – linha – pintura – repetições

Repetir é, simultaneamente, procurar recriar o mesmo e produzir a diferença. Como repetir, criando novos efeitos de sentido, eis a questão. A artista criou suas modalidades próprias de repetição, que nesta obra se inscrevem tanto no processo de construção da estrutura, como no resultado final. A cruz como borda obscura, a cruz mais clara com nuances do pigmento vermelho, o quadrado como unidade constitutiva da trama e o quadrado como borda da figura central. Jogos construtivos e perceptivos com as formas básicas, forças e tensões com a linha e o pigmento vermelho. Formas com um caráter simbólico: delimitar território, medir o espaço, medir a duração da vida...

DESAFIO: Concentre-se em conceber um trabalho no qual o assunto seja a cor em si mesma, sem que esteja vinculada a uma forma ou à representação de alguma coisa que não seja ela mesma. Discuta o assunto com os seus colegas e procure criar um trabalho que tenha por objetivo dar autonomia à cor. Pensem em como dar corpo, ou seja, tornar tangível uma cor.

GISELA MARTINS WAETGE

(São Paulo, SP, Brasil, 1955)

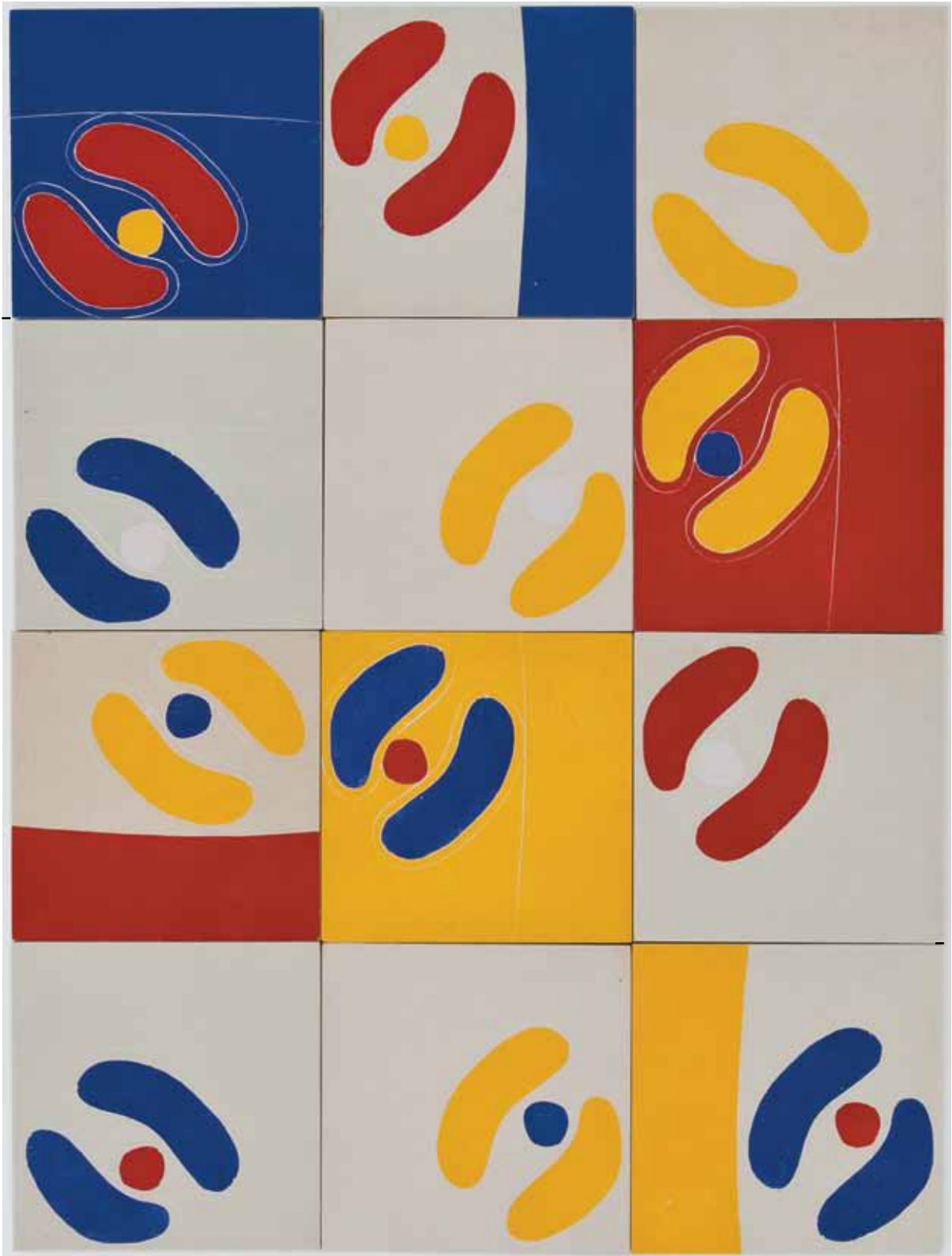
Territórios, 1993

Tinta acrílica sobre papel e estrutura de arame, 110 X 163 cm

Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos

SOBRE A ARTISTA: Vive e trabalha em Porto Alegre. Forma-se em Arquitetura pela Universidade Mackenzie, em 1980. No mesmo ano, passa a morar em Porto Alegre, onde inicia uma formação em Artes Plásticas através de cursos teóricos e orientação prática com artistas. Cursa desenho com Zorávia Bettiol (1935), Vasco Prado (1914–1998), Karin Lambrecht (1957) e Regina Silveira (1939), e pintura com Michael Chapman (1948). Ministrou oficinas de técnicas variadas de criatividade e desenvolvimento de produto artesanal nos Festivais de Quilt e Patchwork de Gramado/RS.





DES|ESTRUTURAS

Curadoria Neiva Bohns e Vera Chaves Barcellos

Montagem Altemir Sanhudo, Luise Malmaceda e Patricio Farías

Programa Educativo Sala dos Pomares: experiências em arte contemporânea e sua contribuição educativa

Concepção Carolina Biberg

Coordenadora Educativa Maria Margarita Kremer

Professora de História da Arte Paula Ramos

Mediação Ana Paula Meura, Giane Preto e Luise Malmaceda

Imagens Juliana Lima, Luise Malmaceda e Vera Chaves Barcellos

Design Gráfico Roka Estúdio

Fundação Vera Chaves Barcellos

Diretora Presidente Vera Chaves Barcellos

Superintendente Cristiane Löff

Diretor Administrativo Carlos Renato Hees

Coordenação de Projetos e Produção Carolina Biberg

Comunicação e Relações Institucionais Claudia Rüdiger

Reserva Técnica e Acervo Ana Paula Meura, Giane Preto e Luise Malmaceda

Centro de Documentação e Pesquisa Fernanda Medeiros e Úrsula Flores



Sala dos Pomares

Av. Senador Salgado Filho, 8450
Viamão - RS | Brasil | 94440-000

Sede Administrativa

Av. Julio de Castilhos, 159 | 6º andar
Porto Alegre - RS | Brasil | 90030-131
info@fvcb.com | www.fvcb.com
Fone/Fax: 51 3228 1445

Agende sua visita: (51) 8229 3031 | educativo@fvcb.com